

Desbravador da Federação

Oswaldo da Gama Alves, 85 anos, cuida com carinho da rua que 'herdou' do pai

Paulo Macedo

Naquele 14 de junho de 1938, seu Pedro da Gama Alves chamou o filho mais velho, Oswaldo da Gama Alves, 19 anos, para continuar o trabalho. Pegar no terreno do alto da ladeira, onde hoje é a TV Aratu, bambus para fazer o corrimão da rua onde viviam. É que naquele tempo de chuva ficava ainda pior andar pela rua de barro, por onde carro não passava. Quando os dois estavam terminando o conserto da escada e colocando o corrimão feito com bambus, foram surpreendidos por um homem magro, alto, de cabelos grisalhos e muito bem vestido. Usava um relógio de corrente atravessado na cintura e uma bengala elegante. "Ele chegou, perguntou o nome de meu pai e foi embora", lembra seu Oswaldo da Gama, hoje com 85 anos.

Quatro dias depois, chegaram quatro homens à casa de número 25, onde desde 1926 seu Pedro morava com a família. Pediram à mulher dele, dona Amanda Ormezina Santos Alves, que fizesse uma feijoada para seis pessoas. "Quando meu pai chegou, não entendeu nada", conta seu Oswaldo. Entre os seis homens que chegaram, estava o major Cosme de Farias e o prefeito Americano da Costa, o homem que havia encontrado seu Pedro quatro dias antes. Nesse dia, 18 de junho de 38, colocaram uma placa com o novo nome da rua: Pedro da Gama, hoje uma das principais do bairro da Federação. A explicação dada para não terem identificado o prefeito é que naquele tempo não havia televisão e as feições dos políticos não eram tão conhecidas como hoje.

Melhorias

Quando recebeu a homenagem, Pedro da Gama já trabalhava há muito para melhorar as ruas da Federação. Ele estava entre os primeiros moradores do bairro e, junto com o filho mais velho, foi o responsável por várias melhorias no local, como o asfaltamento, muitas vezes com dinheiro tirado do próprio bolso. "Meu pai doou cinco caçambas de areia. Tinha gente de condição financeira melhor, como os donos de uma lavanderia que funcionava lá, que doavam bem menos", diz seu Oswaldo. Mas, segundo ele, a rua precisava de melhorias, e se eles não tomassem a frente, as coisas continuariam como estavam. "Aquilo ali era um atoleiro".

Quando a rua foi asfaltada, a prefeitura forneceu a mão-de-obra. Seu Pedro e seu Oswaldo, além de colaborar com o material, davam comida aos operários e presentes de Natal para todo o pessoal da limpeza. Lutavam para melhorar o lugar onde tinham passado a viver quase por acaso. "Meu pai jogava bola num campo que ficava onde hoje é a TV Aratu. Ficou muito amigo de seu José Rodrigo Brochado, dono desta casa onde moro hoje e de um térreo enorme aqui no bairro. Ele tinha perdido um filho aos dois meses de idade e pediu que quando meu pai tivesse um filho, colocasse o nome de Oswaldo", conta.

Promessa cumprida

O tempo passou e quando seu Oswaldo nasceu, em 1917, seu pai cumpriu a promessa. O garoto ia quase todos os dias à casa de seu José Rodrigo, a quem chamava de "Dindinho". Passou a ser o xodó da casa, o filho que ele não teve. Quando o dono da residência de número 25 e de outras duas casas na mesma rua resolveu ir morar em Ilhéus, passou tudo para o nome do afilhado.

A família de nove irmãos se mudou toda para a casa, mas seu Pedro e o filho Oswaldo eram os que mais lutavam para melhorar a rua. "Tivemos que comprar briga com moradores desde a primeira até a última casa". O motivo é que a rua era muito estreita e, para conseguir alargá-la, precisavam invadir um pouco o terreno de algumas casas. "Nós mesmos cansamos de fazer doações de nosso terreno em nome das melhorias. Até es-



Oswaldo, 85 anos, é filho de Pedro da Gama, que empresta o nome a uma das principais ruas da Federação

sa rua que fica aqui no fundo foi aberta porque recuamos nosso terreno. Tanto é que fui eu que escolhi o nome, Dr. Fernando Bispo Didier, em homenagem ao médico que operou meu pai", diz.

Quando Pedro da Gama morreu, em 1986, aos 91 anos, seu Oswaldo fez questão de continuar o trabalho. Os dois juntos já tinham feito muito: cortavam o mato nas ruas, lutaram pela iluminação pública e pela segurança do local. "Com toda a luta, conseguimos um terreno para construir um colégio, hoje a Escola Aristides Novis".

Quando o pai foi homenageado, apesar de jovem, seu Oswaldo já era casado. Ele conta que conheceu a futura mulher, uma descendente de italianos, aos 14 anos, e se casou aos 16. Dona Rosa Lobosco Gama Alves era oito anos mais velha, o que não impediu que os dois vivessem bem por 56 anos, até quando ela morreu. "Ela foi minha única namorada", lembra, com lágrimas nos olhos. Foram nove filhos naturais, dos quais sete estão vivos e três são adotivos. A família se multiplicou. Hoje são 22 netos, 29 bisnetos e qua-

tro tataranetos. Quando vê o mais novo, Andrei Gama Alves, de apenas um ano, seu Oswaldo se emociona. "Me dá uma alegria enorme ele ter nascido nessa casa em que eu cresci". A casa foi reformada, mas a estrutura é a mesma de 1904, quando seu Pedro da Gama fez a promessa ao amigo. "São 3.500 telhas, as mesmas do início do século passado, que eu nunca precisei mudar".

Em todo esse tempo, seu Oswaldo teve várias profissões. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou com a extração de látex no sul do estado. Foi delegado de polícia por três vezes - seu filho mais novo é o também delegado Cedric Lobosco -, trabalhou com extração de cera, foi motorista, se envolveu com política. Mesmo com tudo isso, sempre reservou um tempinho para a rua que leva o nome do pai. Hoje tem duas aposentadorias: pela Secretaria de Educação e pelo INPS, e se diz feliz na casa branca, de portas e janelas azuis da Rua Pedro da Gama, cercado pelos familiares e com muita saúde. Com bom humor, faz uma ressalva: "Só não posso casar, porque tá arriscado a moça ter neném".